

Entrevista / Interview

Extensão & Pesquisa: Projeto LER – Leitura e Escrita para Refugiados e Migrantes

Extension & Research: LER Project - Reading and Writing for Refugees and Migrants

Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros¹

Bate papo com as Coordenadoras do Projeto:

Sandra Cavalcante² e Josiane Militão³

(Professoras do Departamento de Letras da PUC Minas)

Conecte-se! - Falem-nos um pouco sobre o Projeto LER: como começou, quais os seus fundamentos epistemológicos e metodológicos.

Sandra Cavalcante e Josiane Militão: O projeto LER teve início em março de 2018. Somos uma comunidade intercultural de aprendizagem. Nessa comunidade, o ensino da língua portuguesa e da cultura brasileira se dá pela convivência afetiva; pelo cultivo da amizade e do interesse recíprocos no bem-estar do outro; pelo compromisso com o processo de inserção cultural e de emancipação social de cada um daqueles que participam do projeto. Estamos aqui para compartilhar as dificuldades, mas também os sonhos, os desejos, as conquistas diárias de cada um.

¹ Titular da Coordenação Setorial de Publicações e Produções Acadêmicas da Proex. Editora adjunta da Revista Conecte-se, da Proex PUC Minas. Professora do Programa de Pós-graduação e do Departamento de Letras da PUC Minas. Editora da Revista do Instituto de Ciências Humanas da PUC. E-mail: evangelabarros@yahoo.com.br.

² Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Língua Portuguesa pela Universidade Católica de Minas Gerais. Especialista em Literatura Infantil e Juvenil e Literatura Brasileira pela PUC Minas. É professora do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas, onde atua na linha de pesquisa Enunciação e Processos Discursivos. Como pesquisadora, investiga fenômenos de caráter semântico-pragmático com base em arcabouços teóricos do campo da Linguística Cognitiva e da Semiótica Cognitiva. É coordenadora adjunta do Grupo de Estudos em Linguagem e Cognição (ELinc) e integrante do grupo de pesquisa interdisciplinar *Complex Cognition*, ambos da PUC Minas. E-mail: sandcavalcante@gmail.com.

³ Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Adjunta IV da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Membro dos grupos de pesquisa ELinc (Estudos em Linguagem e Cognição) e *Complex Cognition*, do Programa de Pós-graduação em Letras. Investiga a relação entre linguagem, cognição e emoções. E-mail: josi.militao@gmail.com.

Nosso trabalho de ensino do Português como língua adicional, para migrantes e refugiados, se realiza com base em princípios da **educação humanista**. Inspirados na Pedagogia Paulo Freire, acreditamos que a educação deve ser uma experiência humana, orientada pelo afeto, para a **prática da liberdade**.

Em termos metodológicos, nossas ações têm forte inspiração na Pedagogia do Bom Senso, do pedagogo francês Célestin Freinet. Entre essas ações, estão aquelas que assumem o espaço público como espaço de aprendizagem e o uso das tecnologias da informação e da comunicação como importante estratégia para a interação social.

Todas as nossas ações pedagógicas baseiam-se na defesa do exercício da autonomia pessoal, no reconhecimento dos talentos e aptidões, na inclusão e emancipação de refugiados e migrantes que desejam ou necessitam aprender a língua portuguesa, como forma de se inserir social e culturalmente no Brasil.

Nesse sentido, nos associamos à agenda internacional de defesa dos Direitos Humanos e da Cultura da Paz

Conecte-se! - Quais os maiores desafios enfrentados na transição das ações presenciais para as remotas, em março de 2020, devido à pandemia?

Sandra Cavalcante e Josiane Militão: Os maiores desafios foram, em primeiro lugar, a urgente demanda de atendimento aos migrantes e refugiados que, desinformados, corriam riscos com a possibilidade de contaminação pela COVID-19. Tivemos, em um primeiro momento, que nos organizar para elaborar material informativo / educativo em português e em outras línguas, mobilizar migrantes como protagonistas em um movimento solidário para confecção e distribuição de máscaras, além de oferecer orientações sobre como se prevenirem da contaminação do coronavírus.

Com o compromisso de fortalecer uma atuação em rede, o projeto desenvolveu, a convite do Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados (SJMR), em parceria com o Coletivo Cio da Terra de Mulheres Migrantes e com financiamento internacional, o Projeto⁴ “Protagonismo Migratório no Combate às Desigualdades Sociais na Pandemia da Covid-19”, nos meses de junho e julho.

⁴ Mais informações sobre o Projeto Protagonismo Migratório podem ser encontradas nos sites: https://www.pucminas.br/CoronaVirus/noticias/Paginas/-Trabalho-e-renda-para-migrantes-no-enfrentamento-da-Covid.aspx?fbclid=IwAR3ZJIYu3WzRB_BohX_mAYALuKjhtvG47N3he8FiSFKs1pCr4nYXiDfzw6g
<https://sjmrbrasil.org/sjmrbrh-dez-mil-mascaras/>

Desse decorreu a contratação do trabalho de seis mulheres migrantes / refugiadas, que atuaram na fabricação de mais de 10 mil máscaras, doadas a migrantes e refugiados em situação de vulnerabilidade social na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Parte dessas doações foi realizada por três multiplicadores e, também, através de parcerias com prefeituras.

Os multiplicadores foram capacitados para identificar, na comunidade, os mais vulneráveis e cadastrá-los para a devida assistência (alimentar, sanitária, social e jurídica). Além disso, para produzir, semanalmente, vídeos com informações bem fundamentadas, em três línguas (espanhol, crioulo haitiano e francês) para prevenção contra a Covid-19.

Em termos didático-pedagógicos, tivemos que nos reinventar para mantermos o projeto ativo e acolher os que nos chegavam, pois a demanda aumentava a cada dia, uma vez que outras instituições que também lidam com Português como língua de acolhimento suspenderam temporariamente os trabalhos em Belo Horizonte. A demanda aumentou em uma progressão aritmética, de 40 beneficiários em 2019 para 80 no primeiro semestre e para 130 no segundo semestre do ano de 2020.

Dessa forma, migramos para o ambiente virtual de aprendizagem da PUC Minas, o Canvas. Todas as atividades escritas são realizadas por meio dessa plataforma e todos os encontros foram mantidos por meio de aplicativos de videoconferências, tais como *Zoom* e *Meet*. Uma das maiores dificuldades enfrentadas nessa migração foi a acessibilidade dos migrantes às plataformas (*Canvas*, *Meet* e *Zoom*), seja por falta de condições financeiras ou de habilidades para o uso da tecnologia.

Conecte-se! - Houve algum tipo de ação, dentre as que já se desenvolviam no projeto na modalidade anterior, passível de continuidade?

Sandra Cavalcante e Josiane Militão: Na verdade, quase todas as ações foram passíveis de continuidade. A exceção cabe, é claro àquelas que requerem, *sine quae non*, um contato físico, presencial, como, por exemplo, visitas a centros culturais, aulas passeio, celebrações festivas de datas comemorativas no Brasil e no país de origem.

Conecte-se! - Agora, no segundo semestre, após alguns meses de desenvolvimento no novo formato, quais os principais desafios que ainda enfrentam?

Sandra Cavalcante e Josiane Militão: Os mesmos desafios do semestre anterior, acrescidos da necessidade do acolhimento das crianças, que nos chegaram em grande número (por volta de 30, entre 4 e 14 anos). Como somos um grupo interdisciplinar e intercurso, rapidamente nos

organizamos para que as alunas da Pedagogia pudessem liderar o grupo de extensionistas que acolheriam e desenvolveriam atividades específicas para as crianças.

Conecte-se! - Como os extensionistas e os beneficiários regiram a essas mudanças na realização das ações do Projeto?

Sandra Cavalcante e Josiane Militão: Na verdade, a maioria dos extensionistas entrou no projeto em 2020, uma vez que o edital para seleção é aberto todo ano. Dessa forma, já conheceram o projeto em uma modalidade a distância. Aqueles que estão conosco há mais tempo foram cruciais para nos auxiliarem na condução de um processo de adaptação do projeto para funcionar em ambiente virtual, uma vez que conheciam nossos fundamentos pedagógicos e metodológicos.

Todos se engajaram bastante, trabalharam muito no acolhimento aos migrantes, no credenciamento, agrupando-os conforme o nível de desempenho na língua portuguesa, no planejamento dos novos materiais e dos encontros aos sábados. Os migrantes tiveram muitas dificuldades em se adaptar. Temos que lembrar que somos uma comunidade intercultural de aprendizagem com um trabalho que pressupõe acolhimento e realizar acolhimento estando a distância é um enorme desafio. Com o passar do tempo, eles foram chegando no ambiente virtual devagarinho e se sentindo mais à vontade para participarem e realizarem trocas culturais conosco e com os demais participantes.

Conecte-se! - Vocês tiveram evasões ou perfil do público atendido pelo Projeto por causa das alterações em decorrência da nova modalidade? Comentem, por favor.

Sandra Cavalcante e Josiane Militão: Não. Pelo contrário, e como respondido na questão 1, tivemos um exponencial aumento no número de participantes do projeto (de 40 em 2019 para 130 em 2020). Se ele, em princípio, em 2019 atendia a migrantes da região metropolitana de Belo Horizonte, com a modalidade a distância pudemos expandir os horizontes e agora temos participantes de várias partes do Brasil.

Conecte-se! - O que significa para o Projeto a manutenção das ações no regime remoto?

Sandra Cavalcante e Josiane Militão: Significou a nossa sobrevivência e a garantia, para muitos migrantes, de que não ficariam desassistidos em meio à pandemia.

Conecte-se! - Ao longo do tempo de desenvolvimento desse Projeto de interface da extensão com o ensino e pesquisa (nos âmbitos da graduação e pós-graduação stricto sensu), quais são os ganhos mais relevantes que apontariam?

Sandra Cavalcante e Josiane Militão: Por se tratar de um projeto de extensão e pesquisa, do campo de atuação e das ações desenvolvidas pelo projeto, decorreu a realização de uma pesquisa de mestrado, defendida em 14 de julho, por Catarina Valle e Flister (O processo de (re)construção identitária de migrantes e refugiados em contexto de aprendizagem do português: um estudo de natureza sociocognitiva) e também de uma pesquisa de iniciação científica, por meio do Fundo de Incentivo à Pesquisa da PUC Minas (FIP) (O papel das emoções na (re)construção da identidade sociocultural de refugiados e migrantes), coordenada pela professora Josiane Militão. A pesquisa contou com um bolsista: Igor Amaral Vitral Hollerbach Athayde.

No ano de 2019, nós, as coordenadoras, publicamos um artigo nos Cadernos Temáticos do NESP (Projeto LER: uma experiência de leitura e escrita com refugiados e migrantes). O projeto tem sido objeto de apresentação e discussão em eventos nacionais e internacionais, como o III Seminário PLE – CESPUC – 29 e 30 de agosto de 2019 (PUC Minas), o VII Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa (SIMELP) 20 a 24 de agosto de 2019; a XIX Conferência Linguagem e Cognição: diálogos imprescindíveis – 23 a 25 de outubro de 2019.

Em função do caráter interdisciplinar, iniciado a partir da procura de estudantes das mais diferentes áreas, e de sua total realização via meios digitais, o Projeto, que se restringia a oficinas de leitura e escrita, para a aprendizagem do português e da cultura brasileira, vem se transformando, passo a passo, em um programa de imersão linguística e cultural.

Nesse sentido, algumas das frentes protagonizadas pelos estudantes, no momento, são: **Cineclub** (espaço para acesso à cinematografia brasileira e, em médio prazo, dos países que integram a comunidade de aprendizagem); **Clube da Leitura** (curadoria de obras da literatura brasileira disponíveis *on-line*). Ambos os projetos preveem espaço de discussão de textos selecionados (curtas-metragens, textos literários diversos) e a produção de pequenas sinopses, resenhas, a serem compartilhadas nas redes sociais e no site do projeto. Além disso, uma **Oficina de preparação para Redação do ENEM**, com material didático, inédito autêntico, na forma de apostila produzida pelos extensionistas para atender / acolher as necessidades de estrangeiros na compreensão do gênero (redação do ENEM). Essas são, em algumas partes, estruturadas de forma bilíngue.

Por fim, neste 2º semestre de 2020, o projeto acaba de receber um Professor da UFMG, em estágio Pós-doutoral no PPG Letras PUC Minas, que desenvolverá, sob a supervisão das coordenadoras, a constituição de um banco de "narrativas de aprendizagem" da língua portuguesa, em contextos não escolares, pelos participantes.

Perguntas para uma Extensionista do Projeto LER: Catarina Valle e Flister⁵

Conecte-se! - Como foi, para você, o início das ações remotas (sem os encontros presenciais habituais)?

Catarina Flister: O início das ações remotas foi um período de grande aprendizagem e desafios. O Projeto se adaptou e acolheu vários novos participantes e, com eles, vieram novas demandas, mais voltadas para o status político dos migrantes e da sua necessidade de naturalização.

Conecte-se! - Para você, quais foram as principais mudanças na forma de desenvolver as ações do projeto, neste momento de regime remoto, provocado pela pandemia da Covid-19?

Catarina Flister: A principal mudança passa pela forma de acolher. A presença física, que permite olhares e abraços acolhedores, tornava mais fácil modular a convivência entre professoras, extensionistas e participantes como semelhantes. No regime remoto, para promover o acolhimento, precisamos criar espaços de fala para cada participante usando ferramentas de comunicação restritas e a partir de aulas de caráter expositivo. A colocação da igualdade entre todos os participantes nessa estrutura é mais difícil.

Conecte-se! - Como você (e, se tiver conhecimento em relação a algum(-ns) de seus colegas) reagiu (reagiram) a essas mudanças e ao regime remoto?

Catarina Flister: Eu sinto falta do Projeto como era antes da pandemia. Acredito que aqueles que começaram, em 2018, comigo, também sintam.

⁵ Graduada em História no *campus* Coração Eucarístico. Extensionista do Projeto LER – Leitura e Escrita para Refugiados e Migrantes. Mestre em Letras e Literatura na PUC Minas.

Conecte-se! - O que significa para você e para sua formação a manutenção das ações do Projeto?

Catarina Flister: O Projeto engrandeceu minha formação humana e foi fundamental para minha formação enquanto pesquisadora da temática das migrações e da aprendizagem do português como segunda língua. A partir da atuação nele e das pesquisas realizadas, pude construir e defender minha dissertação: “O processo de (re)construção identitária de migrantes e refugiados em contexto de aprendizagem do português: um estudo de natureza sociocognitiva”. Sua manutenção significa a continuação desse processo de aprendizagem.